

INSTITUTUM SAPIENTIAE
Ordinis Canoniorum Regularium Sanctae Crucis

Studium Sacrae Theologiae

Wallace Guedes de Moraes

**SÃO JUSTINO DE ROMA:
O MISTÉRIO DA CRUZ**

Curso de Patrística
Pe. Matthias Hajek, ORC.

Anápolis

2017

ÍNDICE

ÍNDICE.....	2
INTRODUÇÃO.....	3
1 – A VIDA DE JUSTINO.....	4
2 – OBRAS DE SÃO JUSTINO.....	6
3 – TIPOLOGIA PATRÍSTICA.....	8
4 – O MISTÉRIO DA CRUZ.....	9
4.1 – A Cruz como obstáculo e vergonha.....	9
4.2 – A Cruz como instrumento de salvação.....	10
4.3 – O Crucificado não é maldito.....	11
5 – AS TIPOLOGIAS DA CRUZ.....	12
5.1 – A Cruz prefigurada em diversas situações.....	12
5.2 – A prefigura da Cruz por Moisés.....	13
5.3 – Demais prefiguras no Antigo Testamento.....	14
5.4 – Conexão entre a cruz e o batismo.....	15
CONCLUSÃO.....	16
BIBLIOGRAFIA.....	17

INTRODUÇÃO

Ao contemplarmos o mistério da Cruz muitas coisas vêm a nossa cabeça. Pode-se observar diferentes reações e compreensões acerca desse mistério, pessoas que o interpretam como se fosse um escândalo, algo inaceitável, colocando tal coisa até mesmo como um obstáculo para a fé em Jesus Cristo. Outros, ao contrário veem na Cruz algo maravilhoso, enxergam nesse madeiro o instrumento usado por Deus para nos salvar, assim tendo vencido Jesus a morte, morrendo na Cruz, também nós passamos a ser agora vencedores, não estando mais sobre o julgo do pecado, mas sendo resgatados por Cristo, nosso Salvador.

O próprio Jesus fala sobre esse grande mistério: “É necessário que o Filho do homem seja levantado para que todos que nele crerem tenham a vida eterna” (Jo 3, 14). Levantado na Cruz ele esteve para que todos vejam nele quanto Deus amou o mundo entregando o seu Filho unigênito; levantado na Cruz ele implorou perdão ao Pai pelos seus algozes que não “sabem o que fazem”. Assim na Cruz não existe motivos de tristeza ou de desânimo, mas sim de alegria, gratidão e de esperança.

Assim, São Justino nos apresenta uma série de escritos sobre a Santa Cruz, sobre seu significado, sobre suas prefiguras no Antigo testamento, mostrando assim a presença desse simbolo da Cruz em diversos momentos da história da Salvação. Como se verá, ele faz uso de uma linguagem tipológica, mostrando, muitas vezes, o mistério da cruz através de analogias e ainda apresentado como esse mistério já estava prefigurado no Antigo Testamento.

Tanto em suas Apologias, quanto no seu famoso Diálogo com Trifão, São Justino sempre tem a preocupação de mostrar o verdadeiro sentido da Cruz, que não é de derrota, mas de vitória. Mostra que Cristo não é maldito por ter sido crucificado, mas sim bendito por ter, através desse ato, nos salvado. A compreensão desse mistério não é simples, mas é algo que deve ser presente na vida de cada cristão, desde o tempo de São Justino até os dias de hoje e assim até o fim do mundo: Cristo morreu na cruz para nos salvar, morreu por amor e morrendo destruiu a morte.

1 – A VIDA DE JUSTINO

São Justino nasceu por volta do ano 100. O lugar do seu nascimento era a cidade de Flávia Neápolis, a antiga Siquém, na Samaria, Terra Santa. A educação de Justino na infância incluiu a retórica, poesia e história. Quando jovem, ele adquiriu especial interesse em filosofia, e estudou principalmente o estoicismo e o platonismo.

A julgar pelos nomes de seu pai, Prisco, seu avô, Báquio, e de seu próprio, Justino não é de origem judaica, embora nascido na Samaria. No cabelçalho de sua I Apologia 1,1, ele nos fornece detalhes de suas origens: “Ao imperador... Em prol dos homens de qualquer raça que são injustamente odiados e caluniados, eu, Justino, um deles, filho de Prisco, que o foi de Báquio, natural de Flávia Neápolis, na Síria Palestina, compus este discurso e esta petição”.¹

O episódio crucial da vida de Justino foi quando, ao final de um longo caminho filosófico de busca da verdade, chegou à fé cristã. Justino foi apresentado à fé diretamente por um ancião que o envolveu em uma discussão sobre questões filosóficas e então lhe falou a respeito de Jesus. Ele levou Justino aos profetas hebreus, os quais eram anteriores aos filósofos, dizia ele, e falaram como testemunhas confiáveis da verdade. A partir de então começou a propagar a sua fé, chegando a fundar uma “escola em Roma, onde iniciava gratuitamente os alunos na nova religião, considerada como a verdadeira filosofia. Nela, de fato, havia encontrado a verdade e, portanto, a arte de viver de maneira reta.”²

Em suas catequeses sobre os Santos, o Papa Bento XVI destaca a importância de São Justino entre os Padres de sua época, os apologetas, que eram incansáveis defensores da fé cristã, que no século II era muito ameaçada e perseguida, tanto pelos contrários ao cristianismo quanto pelos hereges que já surgiam com força relevante.

São Justino, filósofo e mártir, é o mais importante dos padres apologetas do século II. A palavra «apologeta» faz referência a esses antigos escritores cristãos que se propunham defender a nossa religião das graves acusações dos pagãos e dos judeus, e difundir a doutrina cristã de uma maneira adaptada à cultura de seu tempo.³

Mesmo depois de sua conversão, São Justino continuou a exercitar-se na filosofia, nunca a abandonou. No entanto a partir de então ele começou a dar um novo

¹ JUSTINO de Roma, *I e II Apologias e Diálogo com Trifão*, Col. Patrística, São Paulo: Paulus, 2007, 9.

² Cf. Papa BENTO XVI, *Catequeses sobre os santos*, 1ª edição, São Paulo: Ecclesiae, 2016, 27.

³ Ibid.

sentido a essa filosofia, defendendo uma verdadeira filosofia cristã, o que podemos perceber através de suas obras. Percebemos esse dois amores na vida de Justino: a filosofia e a fé cristã. E mais ainda percebemos como ele consegue conjugar as duas coisas de modo que se completam e ajudam mutuamente, e de forma alguma uma se opõe à outra.

Sua formação intelectual foi uma das mais aprimoradas. Segundo seu próprio testemunho, percorreu cidades e escolas filosóficas desejoso de conhecer a verdade, de tornar-se sábio. “Ardendo para ouvir o que é próprio e excelente na filosofia”, frequentou os estóicos, peripatéticos, pitagóricos e platônicos (cf. Diál. 2,1-6) sem, contudo, encontrar respostas para seus anseios e suas indagações. Finalmente, através do ancião, teve conhecimento da “única filosofia certa e digna”, o cristianismo (Diál. 3-8).⁴

Justino, e com ele outros apologetas, firmaram a tomada de posição clara da fé cristã pelo Deus dos filósofos contra os falsos deuses da religião pagã. Era a opção pela verdade do ser contra o mito do costume. Algumas décadas depois de Justino, Tertuliano definiu a mesma opção dos cristãos com uma sentença lapidária que sempre é válida: *Dominus noster Christus veritatem se, non consuetudinem, cognominavit* — Cristo afirmou que era a verdade, não o costume.⁵

Se o Antigo Testamento tende para Cristo como a figura orientada para a realidade significada, a filosofia grega tem também por objetivo Cristo e o Evangelho, como a parte tende a unir-se ao todo. E diz que estas duas realidades, o Antigo Testamento e a filosofia grega, são como os dois caminhos que guiam para Cristo, para o Logos. Eis porque a filosofia não pode se opor à verdade evangélica, e os cristãos podem inspira-se nela com confiança, como num bem próprio.⁶

A convicção de Justino sobre a verdade de Cristo era tão completa que ele morreu como mártir em algum momento por volta de 165. Eusébio, o antigo historiador da igreja, disse que ele foi denunciado pelo cínico Crescente, com o qual se envolvera em debate pouco antes de sua morte. Justino foi decapitado juntamente com seis de seus alunos.

Acusado perante Júnio Rústico, pelo filósofo cínico Crescente, foi decapitado, segundo a tradição, no ano 165. Há um relato de sua morte considerado autêntico, no *Martirium S. Iustini et Sociorum*, baseado nas atas oficiais do tribunal que o condenou. Segundo este documento, seis companheiros, discípulos provavelmente, o acompanharam no martírio.⁷

⁴ JUSTINO de Roma, *I e II Apologias e Diálogo com Trifão*, 9.

⁵ Papa BENTO XVI, *Catequeses sobre os santos*, 30.

⁶ *Ibid.*, 28.

⁷ JUSTINO de Roma, *I e II Apologias e Diálogo com Trifão*, 10.

2 – OBRAS DE SÃO JUSTINO

Podemos dizer que Justino é um dos melhores apologistas do século II, como afirma o papa Bento XVI na sua catequese sobre São Justino, que o define como “o mais importante padre apologista do segundo século.”⁸

Na época de São Justino aconteciam as grandes perseguições contra os cristãos, que resultavam quase sempre no martírio de inúmeros deles. Justino diante de todos esses ataques escreveu para as autoridades e o senado romano. Baseando-se em sua fé, no conhecimento filosófico e das Escrituras, no exemplo de vida dos cristãos e servindo-se de argumentos de autoridades que pleiteavam em favor dos cristãos, Justino compôs duas Apologias que enviou ao Imperador Antonino Pio e seus filhos e ao senado romano⁹, tentando demonstrar que o cristianismo é digno de ser observado, que os cristãos são pessoas boas e sábias, que a perseguição aos mesmos é fruto de ignorância e preconceito, e explica o que ocorre no culto cristão, seus sacramentos e o motivo de rejeição dos ídolos.

São estas, as duas apologias e o diálogo com o judeu Trifão, as únicas obras que nos restam dele. Nelas, Justino pretende ilustrar, antes de tudo, o projeto divino da criação e da salvação que se realiza em Jesus Cristo, o Logos, Verbo eterno, razão eterna e Razão criadora. Cada homem, como criatura racional, é partícipe do Logos, leva em si uma “semente” e pode colher os indícios da verdade. Assim, o mesmo Logos, revelando-se como figura profética aos judeus na Lei antiga, manifestou-se parcialmente, como que em “sementes de verdade”, também na filosofia grega. Mas, conclui Justino, dado que o cristianismo é a manifestação histórica e pessoal do Logos na sua totalidade, origina-se que “tudo o que foi expresso de positivo por quem quer que seja pertence a nós cristãos”.¹⁰

A primeira Apologia, escrita em torno de 155, foi enviada a Antonino Pio “conclamando-o a dar um tratamento mais justo aos cristãos e a revogar os decretos de perseguição”. Enquanto explicava e defendia sua fé, discutia com as autoridades romanas sobre o erro de perseguir os cristãos, afirmando que deveriam ser unidas forças ao cristianismo para combater a falsidade dos sistemas pagãos.¹¹

⁸ Papa BENTO XVI, *Catequese sobre os santos*, 27.

⁹ Cf. JUSTINO de Roma, *I e II Apologias e Diálogo com Trifão*, 13.

¹⁰ Papa BENTO XVI, *Catequese sobre os santos*, 28.

¹¹ Cf. ALDERI Matos, *Fundamentos da teologia histórica*, São Paulo: Mundo Cristão, 2008, 34.

A segunda Apologia (considerada por muitos como um anexo, adendo, da primeira) foi enviada ao senado romano por volta do ano 160 d.c. Nesta, mostra com maior veemência e inconformismo seu desagrado diante do injusto tratamento dispensado aos cristãos e apresenta o Cristo-Logos como o agente que executou o plano da criação e salvação divino. Destaca a sabedoria dos filósofos como proveniente do Logos (Deus) e afirma que Cristo é o Verbo, manifestado por nós, tornado corpo, razão e alma.¹²

O tema central de Justino é o plano criador e salvífico de Deus (a economia), manifestada e realizado por Cristo-Lógos. No interior deste plano divino, encontra seu lugar a sabedoria dos antigos filósofos. Sua premissa básica é que a razão humana (lógos) é uma participação do Lógos divino: em cada homem há “uma semente”, esperma do Lógos, resultante da ação do “Verbo que dá a semente”.¹³

Em sua obra “Diálogo com Trifão”, Justino argumenta com o judeu Trifão acerca da relação entre a fé cristã e o Antigo Testamento, utilizando-se de tipologias visando demonstrar como se interpreta o Antigo Testamento, afirmando que o Antigo Testamento aponta para Jesus principalmente de dois modos: mediante suas palavras proféticas e mediante atos e ações que são ‘figuras’ ou ‘tipos’ que também apontam para Jesus. A interpretação tipológica de Justino baseia-se nos próprios fatos históricos, em particular nos fatos da vida de Jesus.

Compôs também um Diálogo contra os judeus, que teve na cidade de Éfeso com Trifão, um dos mais famosos hebreus de então. Neste Diálogo, manifesta como a graça divina o conduziu à doutrina da fé, com que zelo havia anteriormente se dedicado às disciplinas filosóficas, e com que extraordinário fervor havia buscado a verdade (...).¹⁴

Sua obra como um todo contribui para explicar a fé cristã baseada nas Escrituras como a fonte suprema de autoridade, cujas profecias podem ser compreendidas somente pela Graça de Deus. Seus escritos voltam-se para a pessoa de Cristo e Sua obra, sendo Justino o primeiro teólogo a tentar explicar a relação de Deus Pai com o Verbo, a teologia trinitária e a visão do porvir e crença no Reino Milenar. Sua teologia ganhou destaque pela erudição e fervor manifestado em seus escritos, sendo ele um marco na história da igreja e um referencial inspirador da autêntica fé cristã para todas as gerações.

¹² Cf. JUSTINO de Roma, *I e II Apologias e Diálogo com Trifão*, 87.

¹³ *Ibid.*, 89.

¹⁴ *Ibid.*, 11.

3 – TIPOLOGIA PATRÍSTICA

De um modo simples podemos dizer que a Tipologia dos Padres da Igreja era a interpretação dos escritos veterotestamentários a luz de Cristo e de todos os seus atos aqui na terra. De certa forma, sob qualquer aspecto, os textos do Antigo Testamento sempre apresentavam uma ligação com Cristo, o Verbo de Deus encarnado, por isso não podia dizer que qualquer passagem do Antigo Testamento fosse insignificante. Assim se desenvolveu a exegese dos Padres da Igreja e , de forma muito relevante e especial, a exegese de São Justino que se apoiou largamente nesse conceito de Tipologia.

São Paulo utiliza também desse conceito em suas cartas e explica esse termo central de sua metodologia exegética. A palavra Tipologia, do grego “τυπος”, pode significar impressão, marca, forma, imagem, modelo, exemplo, prefigura. Assim vemos claramente o motivo da utilização por parte dos padres da Igreja, que queriam mostrar essas prefiguras,imagens do Antigo Testamento, e como se realizam em Cristo. Um exemplo bem claro e explícito na Sagrada Escritura, por São Paulo, é a tipologia entre o velho Adão e o novo Adão, que é Cristo. Adão é o “τυπος” de Cristo. Ou seja, tal termo ajudou na orientação do passado para o futuro, do provisório para o definitivo, do terrestre para o celeste.

Assim a vida e obras de Jesus é todo um cumprimento das Escrituras. A qual rompe com as interpretações judaicas da Bíblia. É a luz da ressurreição, objeto do querigma, que os cristãos relêem o antigo e o novo testamento. Desse modo, os padres da Igreja utilizam tal termo para se defenderem. Como aconteceu com Justino, que no sentido mais estrito a tipologia fala de um personagem ou acontecimento que aponta para uma realidade futura, em que se cumpre de modo mais pleno.

Deteremos-nos sobre as Tipologias de São Justino a respeito do mistério da Cruz de Cristo. Não só em suas tipologias, mas em todos os sentidos e significados que São Justino atribui à Santa Cruz e como esse mistério é entendido, como diz São Paulo:

Nós, porém, anunciamos Cristo crucificado, que para os judeus, é escândalo, para os gentios é loucura, mas para aqueles que são chamados, tanto judeus como gregos, é Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus. Pois o que é loucura de Deus é mais sábio do que os homens, e o que é fraqueza de Deus é mais forte do que os homens.¹⁵

¹⁵ 1 Coríntios 1, 23-25.

4 – O MISTÉRIO DA CRUZ

Aquele que era sem pecado, “Deus o fez pecado por causa de nós, a fim de que, por ele, nos tornemos justiça de Deus”¹⁶. É feita justiça também da morte que, desde o início da história do homem, se tinha aliado ao pecado. E este fazer-se justiça da morte realiza-se à custa da morte daquele que era sem pecado e o único que podia, mediante a própria morte, infligir a morte à morte. Deste modo, a Cruz de Cristo, na qual o Filho consubstancial ao Pai presta plena justiça a Deus, é também revelação radical da misericórdia, ou seja, do amor que se opõe àquilo que constitui a própria raiz do mal na história do homem: se opõe ao pecado e à morte.

A Cruz é o modo mais profundo de a divindade se debruçar sobre a humanidade e sobre tudo aquilo que o homem, especialmente nos momentos difíceis e dolorosos, considera seu infeliz destino. A cruz é como que um toque do amor eterno nas feridas mais dolorosas da existência terrena do homem. O programa messiânico de Cristo torna-se o programa do seu Povo da Igreja. Ao centro deste programa está sempre a Cruz, porque nela a revelação do amor misericordioso atinge o ponto culminante.

4.1 – A CRUZ COMO OBSTÁCULO E VERGONHA

Em seu Diálogo como Judeu Trifão, São Justino trata sobre a questão da Cruz como obstáculo para muitos chegarem à fé no Cristo. De fato para os que não possuem a fé é extremamente difícil aceitar que Cristo, sendo Deus, morreu na Cruz de forma tão vergonhosa. De fato como afirma as Escrituras, esse fato é um escândalo e uma loucura para muitos.¹⁷

No entanto, São Justino não enxergava a Cruz como algo vergonhoso, mas como um verdadeiro caminho para a glória e motivo seguro da nossa fé em Jesus:

Se Cristo não tivesse que sofrer; se os profetas não tivessem predito que, por causa das iniquidades do seu povo, teria de ser levado à morte, ser desonrado, açoitado, contado entre os malfeitores e levado como ovelha ao matadouro – ele, cuja origem o profeta disse que ninguém seria capaz de explicar –, haveria motivo para maravilhar-se. Contudo, se é isso que o distingue e o mostra para todo mundo, como nós também não creríamos neles com toda segurança? Todos os que ouvem as palavras dos profetas, logo que ouvem que ele foi crucificado, dirão que este é o Cristo e não outro.¹⁸

¹⁶ 2 Coríntios 5, 21.

¹⁷ Cf. 1 Coríntios 1, 23.

¹⁸ JUSTINO de Roma, *I e II Apologias e Diálogo com Trifão*, 250.

A Cruz, portanto, não deve ser olhada como um obstáculo, mas ao contrário, como uma certeza na qual podemos nos apoiar. Sabemos que Cristo é o Filho de Deus que morreu na Cruz para nos salvar e, morrendo, venceu a morte. Não há motivos de vergonha nem de tristeza, mas de alegria e exultação, pois por meio da morte humilhante na Cruz, Jesus saiu vitorioso, juntamente com todo o gênero humano.

4.2 – A CRUZ COMO INSTRUMENTO DE SALVAÇÃO

Em outro trecho do mesmo Diálogo com Trifão, São Justino trata da sobre a Cruz como instrumento de conversão e salvação. Cita dentre outros exemplos, o acontecimento do livro dos Números, onde serpentes picam o povo de Israel, Moisés intercede pelo povo e Deus dá a seguinte ordem a ele: “Faze uma serpente abrasadora e coloca-a em uma haste. Todo aquele que for mordido e a contemplar viverá”.¹⁹

Aqui São Justino faz a ligação entre essa passagem e a Cruz de Cristo, onde todo aquele que for ferido pelo pecado pode encontrar a cura. Afinal essa analogia já foi feita pelo próprio Jesus: “Como Moisés levantou a serpente no deserto, assim é necessário que seja levantado o Filho do Homem, a fim de que todo aquele que crer tenha nele a vida eterna”.²⁰

Também aquela outra figura e sinal contra as serpentes que picaram Israel evidentemente foi instituído para a salvação dos que creem que, desde aquela época, foi anunciada a morte da serpente através daquele que deveria ser crucificado, e a salvação daqueles que, picados por ela, se refugiam naquele que enviou seu Filho ao mundo para ser crucificado. O Espírito profético, de fato, não pretendia ensinar-nos, através de Moisés, a depositar nossa fé numa serpente. Tanto que nos manifesta como ela foi amaldiçoada por Deus desde o princípio e, em Isaías, nos dá a entender que será morta como inimiga pela grande espada, que é Cristo.²¹

A Santa Cruz de Cristo é também um instrumento de salvação para todos os homens. Afinal aquele que nela foi suspenso é verdadeiramente Deus, é o único que pode salvar a humanidade ferida, não mais pela serpente terrena, mas sim pelo pecado, que entrou no mundo através da serpente no Paraíso. Cristo foi suspenso no madeiro da Cruz para nos salvar, e essa salvação deveria passar pela Cruz, pois esse foi o modo mais perfeito que Deus quis para realizar tão grandiosa obra, assim se entregou, para que fôssemos livres; quis morrer, para que tivéssemos a vida. Pela sua santa Cruz, nosso Senhor Jesus Cristo remiu o mundo, como se reza muitas vezes no tempo da Quaresma.

¹⁹ Números 21, 7-8.

²⁰ João 3,14.

²¹ JUSTINO de Roma, *I e II Apologias e Diálogo com Trifão*, 253.

4.3 – O CRUCIFICADO NÃO É MALDITO

Surge então a pergunta: como conciliar o versículo que diz que é maldito todo aquele que for suspenso no madeiro²² com o fato de Jesus ter sido crucificado? São Justino explica a esse respeito:

Com efeito, o que está dito na lei: “É maldito todo aquele que for suspenso no madeiro”, fortifica ainda mais a nossa esperança que pende de Cristo Crucificado, pois Deus não amaldiçoa esse crucificado, mas predisse o que vós e outros semelhantes a vós faríeis, ignorando que Jesus existisse antes de tudo e é o eterno sacerdote de Deus, Rei e Ungido. E vedes que claramente assim acontece.²³

Aqui vemos mais uma vez a Cruz como precioso instrumento de salvação. Cristo não é maldito porque foi suspenso no madeiro da Cruz, mas Ele “nos resgatou da maldição da Lei tornando-se maldição por nós”²⁴, ele tirou de cima de nós a maldição que nos orpimia tomando-a sobre si. Como diz São Justino, se foi da vontade do Pai que Cristo carregasse, com a maldição de todos, todas essas coisas, sofresse todos esses tormentos, sabendo que o ressuscitaria no terceiro dia, não se pode de forma alguma chamar maldito alguém que se dignou sofrer tudo isso pelo desígnio do Pai.²⁵

Lembrando que São Justino estava argumentando com um judeu, que conhecia as escrituras. Portanto, para ele era muito difícil aceitar que Jesus era o salvador, o Messias esperado, sendo que havia morrido na Cruz. E é isso que São Justino explica a ele de forma bastante ordenada, como vimos, primeiro mostrando que a Cruz não é motivo de obstáculo ou vergonha, mas antes é um caminho para a salvação, é motivo de alegria para nós, pois através dela nos veio a remissão das nossas culpas, depois mostra que Cristo não é maldito por ter sido pregado na Cruz, mas assumiu sobre si a maldição que pesava sobre nós. Cristo cumpriu plenamente os designios do Pai para salvar toda a humanidade, caída pelo pecado.

²² Cf. Deuteronômio 21, 23.

²³ JUSTINO de Roma, *I e II Apologias e Diálogo com Trifão*, 259.

²⁴ Gálatas 3, 13.

²⁵ Cf. JUSTINO de Roma, *I e II Apologias e Diálogo com Trifão*, 258.

5 – AS TIPOLOGIAS DA CRUZ

Como já foi dito, São Justino utilizou imensamente a tipologia em seus escritos, e a respeito da Cruz e dos seus significados não foi diferente. Tanto nas suas Apologias, quanto no seu Diálogo com Trifão, ele trata várias vezes sobre o assunto da Cruz em base a diversas tipologias do Antigo Testamento, da história da salvação em geral. Como já foi dito, o Antigo Testamento deve ser interpretado à luz do Mistério de Cristo, que é o cume de toda história da Salvação. O centro desse mistério é a sua Paixão, Morte e Ressurreição, que são prefiguradas em inúmeras tipologias do Antigo Testamento.

Quanto ao mistério da Cruz em si, Justino, além de explicar o seu sentido e a sua importância na história da salvação e para todos os cristãos, também faz analogias tipológicas mostrando assim como esse grandioso mistério já estava previsto nos planos de Deus desde o início da sua criação e mesmo que veladamente já era, de certa forma, revelado aos homens, como uma maneira de já ir se familiarizando com tão grande acontecimento.

5.1 – A CRUZ PREFIGURADA EM DIVERSAS SITUAÇÕES

Em sua primeira Apologia, que comumente podemos definir como um “discurso ou escrito de defesa ou louvor de alguém ou de alguma coisa”²⁶, São Justino apresenta uma série de figuras, do dia-a-dia e do contexto em que viviam na época, que simbolizam a Cruz ou trazem em si o seu formato. Chega a afirmar que tudo o que existe no mundo não pode ser administrado ou ter comunicação entre si sem essa figura.²⁷

Podemos enumerar algumas dessas prefiguras²⁸:

- ✓ A vela do navio, que o sustenta em meio ao mar e sem a qual ele não poderia mover-se e atingir seu objetivo.
- ✓ O arado, que é tão necessário para que se possa cultivar a terra e assim produzir o sustento para todos.
- ✓ Os instrumentos dos artesãos, que em grande maioria possuem também o formato da Cruz e por eles são produzidas belas obras.

²⁶ Dermival Ribeiro RIOS, *Minidicionário Escolar de Língua Portuguesa*, Ed. DCL, São Paulo 1999, 102.

²⁷ Cf. JUSTINO de Roma, *I e II Apologias e Diálogo com Trifão*, 71.

²⁸ Cf. JUSTINO de Roma, *I e II Apologias e Diálogo com Trifão*, 71.

- ✓ A própria figura humana, que possui em seu próprio corpo o sinal da Cruz, e se distingue do corpo de qualquer outro animal justamente por essa característica, ser reta e poder abrir os braços em forma de cruz.
- ✓ Também os estandartes e troféus de vitória, que não podem ser sustentados senão por hastes em forma de cruz.

Assim vemos, de forma simbólica, diversas imagens, muitas delas comuns, que podem ser associadas ao Grande Sinal da Cruz Redentora de Jesus Cristo. E esse era o objetivo de São Justino, mostrar que a imagem da Cruz não era algo arbitrário ou sem importância, mas que, ao contrário, era algo muito bem significado e de extrema importância, tanto para a vida Espiritual, para a nossa salvação, quanto para a nossa vida natural, nas imagens do dia-a-dia.

5.2 – A PREFIGURA DA CRUZ POR MOISÉS

O sinal da Cruz se encontra prefigurado no Antigo Testamento, principalmente na prece de Moisés, de braços abertos, e, como já foi apresentado, na serpente no deserto, elevada em imagem e que salvaria quem a contemplasse. Na batalha contra Amalec, narrada no livro do Êxodo²⁹, Moisés traça com seus braços abertos o sinal da Cruz. Não foram as mãos de Moisés que venceram, por si mesmas, a batalha, mas convidaram o povo a olhar para o alto, a esperar o socorro que vem de Deus, como diz o Salmo “Elevo os meus olhos para o alto, de onde pode vir o meu socorro? O meu socorro vem do Senhor, que fez o céu e a terra.”³⁰ Assim já eles esperavam por esse socorro que só poderia vir de Deus, mas através do sinal da Cruz formado por Moisés. Também o nosso socorro só poderia ter vindo através de Cristo, Deus verdadeiro, através da sua elevação na Cruz.

Moisés orava a Deus com as mãos estendidas. Hor e Aarão as sustentaram o dia todo, para que elas não se abajassem por causa do cansaço. Como está escrito nos próprios livros de Moisés, o povo era vencido se essa figura que imitava a cruz cedia um pouco; entretanto, enquanto permanecia nessa forma, Amalec era derrotado. E se o povo tinha forças, era por causa da cruz que as tinha. De fato, o povo levava vantagem não porque Moisés orava dessa forma, mas porque ele formava o sinal da cruz, pois era o nome de Jesus que comandava a batalha.³¹

²⁹ Cf. Êxodo 17, 8-16.

³⁰ Cf. Salmo 121, 1-2.

³¹ JUSTINO de Roma, *I e II Apologias e Diálogo com Trifão*, 251.

De fato, como explica São Justino, o motivo da vitória não era em si a oração de Moisés, mas já como que uma antecipação da vitória definitiva que se daria na Cruz. Portanto, já ali naquela batalha, eles venciam por causa do sinal da Cruz que Moisés, com os braços abertos, formava sobre eles.

5.3 – DEMAIS PREFIGURAS NO ANTIGO TESTAMENTO

São Justino ainda elenca um grande número de prefiguras da Cruz que se pode encontrar no Antigo Testamento. Muitas vezes foi associado, já pelos primeiros cristãos, à figura da Cruz as figuras da “árvore”, do “lenho”, do “madeiro”, do “bastão”, dentre outras, mostrando assim que nem sempre as figuras possuem em si mesmas e fisicamente o formato da Cruz, mas trazem em si o seu significado.

Dentre as diversas pode-se enumerar algumas que também foram citadas por São Justino em seu Diálogo com Trifão:³²

- ✓ A árvore da Vida, que é um dos símbolos mais belos pelo seu significado, pois foi comendo o seu fruto que Adão e Eva caíram na tentação do Demônio, assim pecaram e com eles toda a humanidade pecou. Assim pela árvore da Cruz, temos o fruto excelente da nossa Salvação, por meio do Novo Adão nos é perdoada toda a culpa.
- ✓ A vara de Moisés, que serviu de instrumento de libertação da opressão egípcia, cortando o mar Vermelho para que o povo de Deus pudesse atravessar. Também ao ser tocada na rocha fez sair desta água em abundância para o povo.
- ✓ A vara de Jacó, que sendo jogada na água fez com que as ovelhas ficassem prenhes, e também por meio da vara conseguiu atravessar o rio. Assim por meio da Cruz também nós produzimos frutos, por meio da Cruz também atravessamos o rio das dificuldades e do pecado.
- ✓ A escada de Jacó, que ligava o céu e a terra e sobre ela estava sentado o próprio Deus. A Cruz de Cristo é o modo mais eficaz de ligação entre o céu e a terra, por meio dela podemos chegar até o céu, ela foi e é essa escada que nos leva até Deus.
- ✓ A aparição de Deus a Abraão, que se realizou junto a uma árvore, simbolizando o verdadeiro lugar de encontro da humanidade com Deus, que seria na Cruz.

³² JUSTINO de Roma, *I e II Apologias e Diálogo com Trifão*, 244.

5.4 – CONEXÃO ENTRE A CRUZ E O BATISMO

São Justino faz essa conexão através do significado e do objetivo de cada um. Tanto a Cruz de Cristo, quanto o Batismo, são instrumentos eficazes para a nossa salvação. Cristo nos salvou pela sua morte na Cruz e assim nós também morremos com Ele pelo batismo.

Nós estávamos banhados pelos gravíssimos pecados que tínhamos cometido, mas nosso Cristo nos redimiou quando foi crucificado sobre o madeiro e quando nos purificou pela água, e nos converteu em casa de oração e adoração.³³

Muitas das figuras da Cruz apresentadas por São Justino estavam ligadas à água (a varas de Moisés e Jacó que são atiradas na água ou por meio delas brota uma fonte, dentre outras), isso ressalta já a estreita ligação que os cristãos reconheciam entre a cruz e o batismo.

Essa relação fica mais clara e explicitada na própria analogia entre a água e o batismo, a arca e a cruz, que São Justino também faz de modo simples. A cruz é como a arca na qual somos conduzidos pelas águas. “Em outras palavras, pela água, pela fé e pelo madeiro, escaparão do futuro julgamento de Deus aqueles que de antemão foram previstos e fazem penitência dos seus pecados.”³⁴ Esses são os meios, o caminho, para a nossa salvação.

Cristo, sendo primogênito de toda a criação, também se tornou princípio de uma nova descendência, regenerada por ele com a água, a fé e o madeiro que continha o mistério da cruz, de modo que também Noé se salvou com os seus, carregado sobre as águas pelo madeiro da arca.³⁵

³³ JUSTINO de Roma, *I e II Apologias e Diálogo com Trifão*, 246.

³⁴ *Ibid.*, 319.

³⁵ *Ibid.*

CONCLUSÃO

Como se pode ver no decorrer desse breve escrito, os primeiros cristãos, aqui representados por São Justino, já possuíam uma visão bem ampla e clara sobre o mistério da cruz, seu significado e valor salvífico. São Justino tenta também apresentar esse mistério aos não cristãos, na expectativa que cada vez mais pessoas possam reconhecer que Jesus é Deus e que morreu na Cruz para a salvação de todos.

A Cruz do Senhor não se limita na dimensão do sofrimento, mas vai muito além, é o caminho para a Ressurreição, para uma vida nova. Também nos ajuda a enfrentar em nossas vidas todos os nossos sofrimentos cotidianos, na esperança da ressurreição, com Cristo, no último dia. Resume bem esse mistério de forma bastante bela, esse trecho da mensagem por ocasião do dia mundial dos doentes, proferida pelo Papa São João Paulo II:

Do paradoxo da Cruz surge a resposta às nossas interrogações mais inquietantes. Cristo sofre por nós: Ele assume sobre si os sofrimentos de todos e redime-os. Cristo sofre conosco, dando-nos a possibilidade de partilhar com Ele os nossos sofrimentos. Juntamente com o de Cristo, o sofrimento humano torna-se meio de salvação. Eis por que o crente pode dizer com São Paulo: ‘Agora alegro-me nos sofrimentos que suportar por vós e completo na minha carne o que falta às tribulações de Cristo, pelo seu Corpo, que é a Igreja’ (Cl 1, 24). O sofrimento, aceite com fé, torna-se a porta para entrar no mistério do sofrimento redentor do Senhor. Um sofrimento que já não priva da paz e da felicidade, porque é iluminado pelo esplendor da ressurreição.³⁶

A Cruz é o sinal que marca, envolve e acompanha a vida do cristão. Ela é sempre a forte lembrança da maior prova do amor de Deus pela humanidade: a entrega do seu Filho único pela vida do mundo. A Cruz só fala do amor. Olhá-la e não ver o que ela significa de amor é não ver sentido nela. Como os judeus, só vê nela motivo de escândalo; como os pagãos, só vê loucura, conforme testemunha São Paulo na primeira Carta aos Coríntios. Olhar a Cruz e não ver que nela se travou o verdadeiro duelo entre vida e morte com a vitória da vida é estar desamparado na fé.

Assim como São Justino, também cada cristão deve levar a Boa-Nova de Jesus a todos que ainda não a receberam, mostrando a alegria de ter sido salvo através de tão grande gesto de amor de um Deus que morreu na Cruz por cada um de nós.

³⁶ JOÃO PAULO II, *Mensagem Dia mundial do doente*, 11 de fevereiro de 2004.

BIBLIOGRAFIA

BENTO XVI, Papa, *Catequese sobre São Justino, filósofo e mártir*, Audiência Geral, 21 de março de 2007.

BENTO XVI, Papa, *Catequeses sobre os santos*, 1ª edição, Ed. Ecclesiae, Campinas, São Paulo, 2016.

BÍBLIA DE JERUSALÉM, 5ª impressão, Ed. Paulus, São Paulo 2008.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Edições Loyola, São Paulo 1998.

HAJEK, Pe. Matthias, *Apostila de Patrística e história dos dogmas do 1º milênio*, Edição revisada, 2017.

JOÃO PAULO II, *Mensagem Dia mundial do doente*, 11 de fevereiro de 2004.

JUSTINO DE ROMA, São, *I e II Apologias e Diálogo com Trifão*, Coleção Patrística, São Paulo: Paulus, 2007.

MATOS, Alderi Souza de, *Fundamentos da teologia histórica*, Mundo Cristão, São Paulo, 2008.

RIOS, Dermival Ribeiro, *Minidicionário Escolar de Língua Portuguesa*, Ed. DCL, São Paulo 1999.